

O VELHO FASCISMO E O FASCISMO DIGITAL

OLD FASCISM AND DIGITAL FASCISM

Sergio Amadeu da Silveira¹

Renato Rovai Junior²

Resumo

Este artigo recupera o conceito antigo de fascismo, suas origens na Itália e a Alemanha, mostra de que forma ele metamorfoseou-se através das épocas e como aparece atualmente. O fascismo atual é digital e fundamentado no uso com o melhor aparato de comunicação, youtubers, influencers, cientistas de dados e crackers. Mobiliza um exército de pessoas preconceituosas e mostra que a internet é a nova arena da disputa da hegemonia entre os grupos de extrema direita e os defensores da democracia e de outros projetos sociais.

Palavras-chave: Fascismo, Internet, Democracia, Mobilização da Sociedade.

Abstract

This article recovers the old concept of fascism, its origins in Italy and Germany, shows how it metamorphosed through the ages and how it appears today. Current fascism is digital and based on use with the best communication apparatus, youtubers, influencers, data scientists and crackers. It mobilizes an army of prejudiced people and shows that the internet is the new arena for the dispute for hegemony between extreme right-wing groups and defenders of democracy and other social projects.

Keywords: Fascism, Internet, Democracy, Mobilization of Society

¹ Graduado em Ciências Sociais (1989), mestre (2000) e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2005). É professor associado da Universidade Federal do ABC (UFABC). É membro do Comitê Científico Deliberativo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber). Integrou o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2003-2005 e 2017-2020). Presidiu o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (2003-2005). Pesquisa as implicações tecnopolíticas dos sistemas algoritmos; Inteligência Artificial e ativismo; as relações entre comunicação e tecnologia; sociedades de controle e privacidade; práticas colaborativas na Internet. Autor dos livros: Tudo sobre tod@s: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais; Exclusão Digital: a miséria na era da informação; Software Livre: a luta pela Liberdade do conhecimento; entre outros. É pesquisador do CNPq /Produtividade em Pesquisa - 2.

² Jornalista graduado em Jornalismo pela Universidade Metodista, mestre em Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP) e doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. É autor de, entre outros livros, Um Novo Ecossistema Midiático - A história do jornalismo digital no Brasil e Midiático Poder, o Caso Venezuela e a Guerrilha Informativa. Também é organizador do livro Golpe 16, no qual diversos blogueiros relatam o processo de impeachment da presidente Dilma. É diretor editorial da Revista Fórum.

INTRODUÇÃO

O que é o fascismo? Uma doutrina? Uma ideologia? Uma concepção de mundo? Uma mobilização política? Um conjunto específico de partidos? Pode ser tudo isso, a depender de como se caracterize seus fundamentos e a sua dinâmica. Os dois casos mais conhecidos foram o movimento fascista italiano e o nazismo alemão. Estão ligados a figuras como Benito Mussolini e Adolf Hitler. Quais foram as características desses dois movimentos políticos extremos que conduziram politicamente países a uma guerra de grandes proporções? Sem nenhuma dúvida, o fascismo na primeira parte do século XX foi um dos mais importantes movimentos políticos em escala mundial.

“Preliminarmente podemos distinguir três usos ou significados principais do termo. O primeiro faz referência ao núcleo histórico original, constituído pelo Fascismo italiano em sua historicidade específica; o segundo está ligado à dimensão internacional que o Fascismo alcançou, quando o nacional-socialismo se consolidou na Alemanha com tais características ideológicas, tais critérios organizativos e finalidades políticas, que levou os contemporâneos a estabelecerem uma analogia essencial entre o Fascismo italiano e o que foi chamado de Fascismo alemão; o terceiro, enfim, estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com aquele que foi definido como "Fascismo histórico", de um certo núcleo de características ideológicas e/ou critérios de organização e/ou finalidades políticas. Nesta última acepção, o termo Fascismo assumiu contornos tão indefinidos, que se tornou difícil sua utilização com propósitos científicos.³”

Faz sentido em caracterizarmos hoje a mobilização política da extrema direita de fascista? Essa é a primeira questão que queremos responder. Sem dúvida, existem várias teorias e modos de caracterizar o fascismo. Alguns pensadores marxistas o definiram como a expressão do grande capital, outros como representação de extratos radicalizados das camadas médias na fase imperialista do capitalismo. Já importantes liberais o definiram como um arranjo totalitário em que tudo está regado pelas determinações do comando fascista. Teóricos políticos o caracterizaram como um projeto de partido único que englobaria o Estado e tornariam a sociedade um conjunto articulado e subordinado às suas determinações. O filme distópico ‘V de Vingança’ pode ser visto como um retrato de uma sociedade organizada pelo fascismo.

3 SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 2004, p. 466.

Nem toda a ditadura é fascista. É importante realçarmos isso para avançarmos na construção do argumento. As ditaduras militares na América Latina nas décadas de 1960 e 1970 foram sangrentas, mas não foram definidas como fascistas. Por quê? Apesar de apelarem para valores patrióticos, não estruturaram alguns componentes cruciais do fascismo, tais **como a mobilização permanente da população ou de segmentos expressivos da sociedade, o culto de um líder máximo, a organização de grupos para atuar com violência em defesa da segurança existencial dos “homens de bem de suas famílias”**. O fascismo não suporta a democracia, apesar dos partidos e líderes fascistas poder utilizá-la para chegar ao governo. Seu objetivo indubitavelmente é autoritário, conservador e voltado a um punhado de valores retrógrados. O fascismo defende a anulação e o extermínio de quem possui valores diferentes. O fascismo busca a ditadura. Os fascistas pregam valores muitas vezes contraditórios e não possuem uma única linha de pensamento no mundo, dependem de cada país e de cada agrupamento fascista. Todavia, os fascistas buscam enaltecer a Pátria, mesmo quando praticam o mais descarado entreguismo.

Um dos textos mais profundos sobre o fascismo é do semiólogo Umberto Eco chamado *Fascismo Eterno*. Ele afirma que:

[...] o fascismo não tinha quintessência. O fascismo era um totalitarismo difuso, uma colagem de ideias filosóficas e políticas diferentes, uma colmeia de contradições. Pode-se conceber um movimento verdadeiramente totalitário capaz de combinar monarquia com revolução, o Exército Real com a milícia pessoal de Mussolini, a concessão de privilégios à Igreja com educação estatal exaltando a violência, controle absoluto do Estado com um livre mercado? ⁴ (ECO, 1995, 4)

Como Umberto Eco nos mostrou a irracionalidade parece ser um traço fundamental do fascismo. Essa irracionalidade entendida como uma incoerência articulada que aponta em um sentido retrógrado e violento está articulada com a expansão e manutenção do poder. O filósofo Theodor Adorno ao tratar do retorno do fascismo na década de 1960 dizia que não deveríamos “subestimar esses movimentos por causa de seu baixo nível intelectual e falta de teoria”. Para Adorno, o extremismo de direita não era visível, mas “as condições sociais para o fascismo continuavam existindo”⁵. Mais de 50 anos depois, podemos notar que as bases do fascismo estão vivas e ameaçam as democracias.

4 ECO, Umberto. **UR-fascismo (O fascismo eterno)**. Nueva York: Universidad de Columbia, 1995.

5 ADORNO, Theodor W. **Aspects of the New Right-Wing Extremism** (trans. Wieland Hoban). Medford, Mass.: Polity, 2020, p. 1.

Adorno notou que os fascistas trazem a ideia de existência ou de impossibilidade de existir com o outro como um pensamento e sentimento cultivados. Por isso, alertou que “o conceito de existencial é colocado a serviço do irracionalismo, da rejeição da argumentação racional, do pensamento discursivo como tal”⁶. Aquilo que achamos sem sentido, contraditório, mais do que incoerente, trata-se do rompimento com as possibilidades de diálogo baseado na realidade. A passagem a seguir é ilustrativa do fenômeno fascista:

[...] o que caracteriza esses movimentos é uma perfeição extraordinária de certos métodos, antes de tudo dos métodos propagandistas no sentido mais amplo, combinada com a cegueira, na verdade abstração, dos objetivos que perseguem. E eu acho que precisamente esta constelação de meios racionais e fins irracionais, se posso colocá-lo de uma forma tão simplificada, em certo sentido corresponde à tendência geral da civilização, que leva a tal perfeição de técnicas e meios, enquanto o social global propósito cai no esquecimento. A engenhosidade da propaganda usada por esses partidos e movimentos é que ela equilibra a diferença, a diferença inquestionável entre os interesses reais e os objetivos fraudulentos que defendem. É a própria essência da questão, assim como foi com os nazistas. Quando os meios se tornam cada vez mais substitutos dos objetivos, quase se pode dizer que, nesses movimentos de extrema direita, a propaganda constitui de fato a substância da política. E não é por acaso que os chamados líderes do nacional-socialismo alemão, como Hitler e Goebbels, foram antes de tudo propagandistas, e que sua produtividade e imaginação foram para a propaganda.⁷

Partindo de uma perspectiva distinta, Umberto Eco via no fascismo mais um discurso do que uma ideologia. Seria “um exemplo de desconjuntamento político e ideológico. Mas era um ‘desconjuntamento ordenado’, uma confusão estruturada. O fascismo não tinha bases filosóficas, mas do ponto de vista emocional era firmemente articulado a alguns arquétipos”. Arquétipos são modelos, obviamente ideais que expressam crenças ou características psicossociais. Para Jung, arquétipos são imagens primordiais, portadoras de explicações sobre o passado não vivido, conformam o conhecimento e o imaginário do inconsciente coletivo.

O fascismo é estritamente capitalista. Fundamentalmente retrógrado. Capaz de articular o homem comum e o vivente das camadas médias que assumiu profundamente a ideologia do poderoso, da classe dominante. Ele acredita que é pobre porque não tem mérito, porque não teve sorte, porque não foi ainda escolhido por Deus. Convive com aquele que é pobre, mas se acha endinheirado e se coloca como um rico que a pobreza quer roubar, exterminar. Assim, odeia quem

6 ADORNO, Theodor W. **Aspects of the New Right-Wing Extremism** (trans. Wieland Hoban). Medford, Mass.: Polity, 2020, p. 4.

7 *Ibidem*, p. 6.

luta por direitos sociais e coletivos. O comunista é o seu alvo porque nada é pior que o comunismo que quer proteger quem não tem mérito, não trabalhou, não se esforçou. O homem comum entristecido e culpado, defende o rico e o dominador que os “vagabundos comunistas querem destruir”. Ele no fundo adora ver os outros sofrerem, para se sentir bem. Esse sofrimento deve se expressar na política como humilhação dos outros, em ódio, em inveja, nunca em um debate baseado em argumentos racionais.

O fascismo mobiliza um tipo de homem comum e penetra em todas as camadas da população. Ele serve sempre as classes dominantes, defende o poder dos ricos, em geral, quer a destruição dos direitos sociais e do que possa melhorar a vida dos segmentos mais pauperizados, pois odeia o fracasso que ele mesmo partilha. Por isso, o fascismo pode ganhar eleições. Pode ter parcelas numerosas da população. Hitler foi eleito e chegou ao poder dentro das regras democracia da chamada República de Weimar. O golpe que desfechou foi depois de ter chegado democraticamente ao poder de Estado. Por isso, não consideramos adequado que a melhor classificação para o atual movimento da extrema direita mundial, incluindo aí o bolsonarismo, seja a de populismo de direita. O fato de buscarem se afirmar pelo voto não exclui os seus discursos e objetivos de poder violento baseado em valores retrógrados, vertical com o culto à eliminação dos oponentes.

O sociólogo Zygmunt Bauman⁸ nos lembrou que elementos constitutivos do nazismo e suas atrocidades se originaram na modernidade, na geometrização e no horror a indeterminação. A ideia de pureza e purificação estava presente na doutrina da solução final. Extrair as ervas daninhas, eliminar os sujos, os indesejáveis e degenerados. Por isso, a supremacia branca e os racistas em geral se sentem representados pelo discurso preconceituoso de Jair Bolsonaro. Deliraram quando ainda em campanha, Bolsonaro disse: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais”.

O FASCISMO DIGITAL E O NEOLIBERALISMO

O fascismo pode ser populista em sentido variado e amplo. Mas, nem todo populismo é fascista. A ideia de tornar o povo algo compacto e mitificado está presente nas experiências classificadas de populistas. Entretanto, o populismo que cultua o carisma de sua liderança, não necessariamente quer romper com a democracia, quer eliminar os diferentes ou ainda mobilizar a

8 BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.

violência para impor seus valores. Por isso, chamar a atual extrema direita de populista parece deixar de fora inúmeros componentes importantes que a constituí. O mito da homogeneidade da sociedade em povo que pensaria de um único modo e seguindo um único líder ou partido pode ser visto como uma solução de atração dos diversos segmentos da população, mas essa atração quando visa manter-se pela violência com a eliminação dos contrários e com a criação permanente de “inimigos do povo” pode ser caracterizada de fascista.

O fascismo atual não se organiza exclusivamente em partidos. Ele se tornou digital. Tal como Goebbels utilizou o aparato técnico de comunicação mais avançado para disseminar as mensagens nazistas, o fascismo do século XXI vem embalado pelos *influencers*, *youtubers*, cientistas de dados, crackers e donos de empresas como a *Cambridge Analytica*. Ele ganhou muito engajamento e força a partir da constituição da direita alternativa norte-americana, a *alt-right*. Blogs como Breibart News e InfoWar passaram a empolgar os anarco-capitalistas, também chamados de libertários, para atrair os jovens entediados e sem futuro para romper com o sistema. Clamando pela liberdade de expressão ilimitada os líderes de opinião da *alt-right* passaram a atacar os “politicamente corretos”, pessoas que defendiam os direitos e as garantias individuais e coletivas, alcunhados de *normies*.

Logo um exército de adolescentes sem perspectivas de futuro, gamers homofóbicos, misóginos e haters online, ganharam um sentido nas suas frustrações e desesperanças. Passaram a rir de quem defendia os direitos sociais, atacar pessoas que estavam fora dos padrões de beleza da indústria dos cosméticos, rir de um cadeirante que caía em uma calçada em desnível. Os líderes da *alt-right* diziam “não deixem que limitem sua liberdade de dizer o que você quiser”, “de rir e fazer piadas de qualquer situação”. “Seja livre”. Logo, qualquer imbecil que utilizava o 4Chan passou a ser um militante da direita *alt-right* e da campanha pela eleição de Donald Trump.

Atuando em redes de relacionamento online, produzindo e editando vídeos com efeitos variados, abusando dos conteúdos em formato de memes, esse exército digital foi sendo orientado e financiado por empresários reacionários e bilionários do Vale do Silício, todos exacerbados e encantados pelo neoliberalismo. Um deles, Peter Thiel, fundador do *PayPal*, declarou abertamente, em um evento da extrema direita libertária, em abril de 2009, hospedada no *Cato Unbound*: “Não acredito mais que a liberdade e a democracia sejam compatíveis”⁹. Que liberdade é essa que Thiel está falando? Exatamente a liberdade de exploração econômica, ilimitada e irrestrita, reivindicada pelos neoliberais.

9 LAND, Nick. **The Dark Enlightenment**. Online: <https://www.thedarkenlightenment.com/the-dark-enlightenment-by-nick-land/>

Para essa extrema direita, o Estado está sob o domínio do marxismo cultural. A democracia é controlada e hegemônica pelas ideias intervencionistas oriundas dos princípios de igualdade. Isso estaria suprimindo a liberdade dos mais aptos, dos empreendedores. Para os líderes intelectuais dessa ultradireita, a democracia e o sistema eleitoral não está reduzindo o aparato e a intromissão estatal. Nesse cenário, bradam que os avanços do neoliberalismo, de suas empresas e de seus empreendimentos estariam bloqueados.

Posicionados nas redes digitais, em posições-chaves de empresas de tecnologia e com muitos adeptos com grandes habilidades informacionais, a extrema direita logo monta sua estratégia de expansão 1) principalmente pelas redes digitais; 2) rompendo com o debate racional baseado em fatos; 3) dando uma nova roupagem para valores reacionários; 4) a desinformação e o caos informativo passam a ser a principal estratégia.

Assim, o neoliberalismo adquire nova força, agora sem nenhuma vergonha de romper e atacar a democracia e suas instituições. Líderes dessa extrema direita organizam um discurso anti-sistema. Mas qual sistema? O sistema capitalista? Obviamente que não. Não nomeiam tudo que busca um mínimo de equilíbrio entre o poder do capital e a justiça social de socialismo. Assim, para ganhar adeptos atacam os poderosos que passam a ser aqueles que defendem a democracia. Escolhem figuras do capital financeiro e da especulação, que apesar de terem grande apreço pelo neoliberalismo, não romperam com a democracia liberal, para atacar e alcunhá-los de comunista.

O digital é o terreno de disputa da hegemonia. Falam claramente que estão enfrentando batalhas da guerra cultural. Curiosamente, assumem a perspectiva de Gramsci e a invertem. Querem construir seu bloco histórico e destruir a hegemonia dominante que cinicamente dizem ser a do marxismo cultural. Para esse bloco, articulam a velha e carcomida supremacia branca, a Klu-Klux-Klan, os grupos neonazistas, os terraplanistas recalcados, as ligas de tiro, os novos eugenistas, os neorreacionários, os fundamentalistas religiosos de matriz cristã, enfim, uma profusão de grupos que não conseguiriam sentar-se em uma mesa sem o risco de um grande tiroteio.

Articulam figuras exóticas e falantes carismáticos que se apresentam como youtubers e se tornam grandes influencers. Atuam na espiral da espetacularização que domina as redes digitais. Não guardam qualquer sentimento de busca da coerência. Muitas vezes apelam para o completamente contraditório. Apresentam gays reacionários que afirmam odiar o homossexualismo, afrodescendentes que atacam os movimentos antirracistas, patriotas defensores

da liberdade expressão que defendem a implantação de uma ditadura para calar os que pensam diferente. Reivindicam a completa e total liberdade de agressão que praticam nas redes e fora delas.

BOLSONARISMO COMO EXPRESSÃO DO NEOFASCISMO

“O trabalhador terá que escolher entre mais direito e menos emprego, ou menos direito e mais emprego”¹⁰. Essa frase de Bolsonaro leva a maioria do empresariado brasileiro a loucura. Ela está no marco do neoliberalismo e é mobilizadora, verdadeiramente engajadora de uma classe dominante e de camadas médias que não se ajustaram a ideia de direitos sociais e trabalhistas. O neoliberalismo no Brasil, conta com grupos políticos aparentemente em conflito com seus primados. Mas isso é somente na aparência. O neoliberal brasileiro é moderno apenas para precarizar as relações de trabalho, para substituir servidores públicos por sistemas algorítmicos, mas continua patrimonialista, clientelista e servil aos interesses da matriz da colônia.

Paulo Guedes seria o *condottiere* da missão neoliberal, enquanto ao inepto Bolsonaro caberia o discurso, a mobilização das bases extremistas. Guedes nunca imaginou que o Congresso não implementaria automaticamente seu ditado neoliberal por motivos típicos da política brasileira. Bolsonaro e seu time, generais de terno, olavistas e políticos do baixo clero, não tinham a menor condição de articular uma maioria política no parlamento. No início do seu governo o desprezo pela Câmara e Senado eram evidentes. Para que parlamento? Bolsonaro falava para o povo. As lives, o gabinete de ódio, os youtubers bombados se encarregariam de consolidar o apoio da maioria ao “mito”.

Bolsonaro nunca se interessou pela negociação no parlamento, exceto quando o caldo entornou e ele se viu nas mãos do Centrão, aquele grupo de deputados patrimonialistas que o General Heleno certa vez disse: “se gritar pega ladrão, não fica um meu irmão”. Bolsonaro é um típico fascista. Queria governar em ligação direta com as massas e mobilizá-las pelos dutos do Whatsapp para atacar os “inimigos do Brasil”, entendido como o território dominado pelos líderes do Vivendas da Barra. Bolsonaro queria ser ditador. Queria e tentou o golpe. Não conseguiu marchar sobre São Paulo, nem viu os oficiais das Polícias Militares tomando os Palácios dos governos dos Estados para “acabar com tudo isso aí, talvez?”.

10 TOLOTTI, Rodrigo. Bolsonaro diz no JN que trabalhador terá de escolher entre direitos e emprego. **InfoMoney**, 28 ago 2018. Online: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-diz-no-jn-que-trabalhador-tera-de-escolher-entre-direitos-e-emprego/>

Todavia, não vamos nos iludir. A startup MBL, os partidos Novo e DEM, os lavajatistas, Dória e a maioria do tucanato são neoliberais e por isso embarcaram na canoa do Bolsonaro. Mas, a canoa começou a afundar. Bolsonaro tem baixa capacidade política, sem experiência no mundo do trabalho administrativo, portador de uma ignorância profunda de questões básicas da gestão pública e um desrespeito nítido pela democracia e pela atividade parlamentar. Além disso, o plano de Bolsonaro se limitava a destruir, desmontar e privatizar. Isso parecia um melzinho na chupeta. Não foi. A resistência existe e avança.

Os neoliberais não-fascistas e alguns neofascistas, como os integrantes da startup MBL, se afastaram de Bolsonaro por receio de um resultado eleitoral desastroso, mas não pelos fundamentos que Bolsonaro encampou e prometeu. Sem dúvida, existem neoliberais que não romperam com a democracia. Todavia, em geral, eles são mais neoliberais que democratas. Hoje, buscam a terceira via, mas na hora H tendem a ser atraídos por quem prometer o mundo maravilhoso de um Estado Máximo a favor das empresas que devem ser elevadas a condição de elemento estruturador da vida coletiva.

Falam muito em frente ampla contra Bolsonaro. Mas o que seria essa frente se nela estiver segmentos dos neofascistas? Rebaixar o programa e as ações da frente para incorporar os fascistas não parece uma boa ideia. Precisamos construir uma frente antifascista. Não podemos fazer frente com quem utiliza métodos desinformativos como estratégia política. Isso compromete a ação política antifascista. Muitos neofascistas que defendem a “escola sem partido”, que dizem que a luta antirracista é mi-mi-mi, que atacam a diversidade e a nomeiam de “ideologia de gênero”, grupos homofóbicos e misóginos também querem se reposicionar diante da desastrosa gestão de Jair Bolsonaro. Não podemos aceitar os métodos fascistas em nenhuma hipótese. Isso contribui para o caos informacional pretendido pela estratégia principal da extrema direita mundial.

Lançado em 2018, o livro de Jason Stanley chamado “Como funciona o fascismo: A política do ‘nós’ e ‘eles’ ” é muito elucidativo. O autor argumenta que

Os mecanismos da política fascista apoiam-se uns nos outros, tecendo um mito de diferenciação entre “nós” e “eles”, com base num passado fictício romantizado, em que há “nós”, mas não “eles”, e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça nossas tradições (STANLEY, 2018, 151).

Stanley destacou os fundamentos principais do fascismo que são: reviver um passado mítico que nunca existiu, a pretexto de combater a corrupção ataca as instituições democráticas, ódio aos intelectuais e às universidades, uma defesa cega do líder hierárquico, criminalização das minorias e

das diferenças, ataques aos sistemas de justiça social e direitos, desqualificação da imprensa. Sem dúvida, podemos encontrar todas essas características no bolsonarismo e na sua jornada pela fascistização do país.

Os neofascistas no país têm várias faces, articulador do ressentimento e das paixões tristes, conta com *rippers* de patinete e com ruralistas de fuzil. Atualmente expressa as classes dominantes brasileiras, principalmente o capital financeiro e os donos do agronegócio. Contam com extratos majoritários do grande, médio e pequeno empresariado que querem destruir qualquer direito trabalhista e a maioria dos gastos com políticas sociais. Odeiam ter que registrar empregadas domésticas e definir um horário máximo de sua jornada de trabalho. Mobilizam todo tipo de frustrados que adotaram o racismo, a misoginia e a homofobia como explicação da sua tristeza. Contam com os fundamentalistas religiosos, principalmente aqueles que construíram impérios financeiros explorando a fragilidade e a pobreza. Juntos o fascismo chegou a mobilizar aproximadamente um quinto da população.

A derrota eleitoral é um primeiro passo para recompor a democracia, retomar políticas públicas indispensáveis ao desenvolvimento e a contenção da miséria crescente. Mas precisaremos avançar na distribuição de renda, na defesa do meio ambiente, na reparação dos danos que o racismo deixou no cotidiano, necessitamos construir uma política tecnológica que supere o entreguismo e ao bloqueio da inventividade e criatividade local. Mas isso, não será fácil. O neofascismo foi acionado e mobilizado, não só no Brasil. Ele não desaparecerá. A besta violenta do autoritarismo fascista conta com a doutrina neoliberal que o acaricia e o deixa de prontidão. Ganhar as eleições é vital para a defesa da democracia e da melhoria das condições de vida e trabalho. Mas o neofascismo quer a guerra. Quer anular a política baseada nos argumentos e no respeito ao diferente. Quer impor o seu culto à ignorância, à violência e aos valores retrógrados.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Aspects of the New Right-Wing Extremism** (trans. Wieland Hoban). Medford, Mass.: Polity, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.

ECO, Umberto. **UR-fascismo** (O fascismo eterno). Nueva York: Universidad de Columbia, 1995
LAND, Nick. The Dark Enlightenment. Online: <https://www.thedarkenlightenment.com/the-dark-enlightenment-by-nick-land/>.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 2004.

TOLOTTI, Rodrigo. Bolsonaro diz no JN que trabalhador terá de escolher entre direitos e emprego. **InfoMoney**, 28 ago 2018. Online: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-diz-no-jn-que-trabalhador-tera-de-escolher-entre-direitos-e-emprego>.